

# CRIME E CASTIGO



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 3

## Ela queria uma alternativa

**Branca Vianna:** Antes de começar, eu queria dar um aviso aqui pros ouvintes. Esse episódio fala de violência e de violência sexual. Então fica o alerta pra quem é sensível a esses temas. E eu recomendo, claro, que você não escute acompanhado de crianças.

**Valentina Homem:** Eu só me lembro de sair... do prédio assim, atônita. É sem saber o que fazer assim... realmente eu nunca tinha passado por uma situação dessa, cheguei na praia, encontrei a minha amiga, irmã dele, encontrei vários outros amigos... e falei o que tinha acontecido.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Teve alguém que falou “não, tem que ligar pra polícia, não tem”...

**Valentina Homem:** Teve. Acho que logo imediatamente teve, tem que ir pra polícia tem que denunciar, com certeza teve. É curioso ver como o punitivismo ele é... é onde a direita e a esquerda se juntam [ri] no Brasil.

**Branca Vianna:** Eu sou a Branca Vianna, aqui com a Flora Thomson-DeVeaux, que você acabou de ouvir, e a Paula Scarpin, que você vai ouvir daqui a pouco. Até agora, aqui em *Crime e Castigo*, a gente ouviu principalmente pessoas envolvidas em três processos criminais muito diferentes.

Só pra recapitular:

No primeiro episódio, a gente ouviu a Mausy Schomaker e a Olivia Fürst, respectivamente mãe e irmã de um estudante morto com sete tiros num assalto.

No segundo episódio, a gente ouviu o João Luiz Francisco da Silva, que foi condenado e preso por estelionato; e ouviu também a Mônica Cunha, mãe de um jovem assassinado por um policial.

Como não poderia deixar de ser, além de trajetórias completamente diferentes – antes e depois dos crimes que mudaram a vida delas – essas quatro pessoas que a gente ouviu também pensam de maneira muito diferente sobre a experiência que elas tiveram com o sistema penal.

O que elas têm em comum é que todas estiveram envolvidas de alguma forma num processo criminal.

E, pegando emprestado de novo o termo da professora Fernanda Rosenblatt aqui, elas tiveram os conflitos "sequestrados" pelo Estado – pelos juízes, promotores, defensores e advogados.

**Paula Scarpin:** Conversando com Olivia, com a Mausy, com o João Luiz e com a Mônica, a gente chegou a fazer um exercício de pensar: como teria sido o processo se tivesse funcionado de outro jeito?

**Branca Vianna:** Então, até agora a gente tava no terreno da especulação sobre isso, como poderia ter sido se tivesse funcionado de outro jeito. E hoje a gente vai ouvir uma história que é bem diferente, a história de uma mulher que tentou de fato outro caminho em vez de recorrer à justiça.

**Branca Vianna:** *Crime e Castigo*, um podcast original da Rádio Novelo. Episódio 3. Ela queria uma alternativa.

**Valentina Homem:** Meu nome é Valentina Homem, eu tenho 40 anos, e eu sou cineasta, na verdade sou uma artista multimídia.

**Branca Vianna:** Você pode contar pra gente o que que aconteceu com você? E quando, também?

**Valentina Homem:** Posso. Em janeiro de 2013, acho que foi por volta do dia 20 de janeiro de 2013, eu tava... passando uma semana, dez dias no Rio de férias, eu tinha acabado de me mudar pros Estados Unidos pra fazer um mestrado em cinema, tinha me mudado em agosto de... de 2012. E... no final do ano, ainda em Nova Iorque, uma irmã e outras duas amigas minhas muito queridas foram me visitar, passar o final do ano comigo lá. Uma delas é... ih, gente, eu não sei qual os nomes que vocês tão usando.

**Branca Vianna:** Claudia e Paulo, Claudia pra irmã e Paulo pra ele.

**Branca Vianna:** Claudia é o nome fictício que a gente tá usando pra essa amiga da Valentina. E Paulo é o nome fictício do irmão da Claudia, que já já vai entrar na história. A gente mudou esses e mais alguns detalhes pra preservar a privacidade dos envolvidos.

**Valentina Homem:** ...a Claudia, que é uma amiga minha de muito longa data assim. E... logo depois dessa visita delas, eu vim pro Brasil. E eu vim realmente só pra uma semana, ou dez dias, acho que não chegou nem a dez dias, e a gente resolveu dar uma festa.

**Branca Vianna:** A festa que a Valentina e as amigas planejaram no começo de 2013 no Rio acabou virando um evento grande, com uns oitenta convidados. O apartamento onde foi a festa era dos pais da Claudia e do Paulo. A festa virou a noite.

**Valentina Homem:** Num dado momento, acho que um pouco antes de amanhecer, eu tava exausta e resolvi deitar. E tinha um quarto um que era uma espécie de escritório que ficava contíguo à sala onde a gente estava fazendo a pista de dança. E quando eu fui deitar ne... nesse escritório que tinha uma cama de solteiro, a festa ainda tava acontecendo totalmente assim. Algumas pessoas já tinham ido embora, pela minha lembrança ainda não tinha amanhecido ou tava começando a amanhecer. E aí eu dormi nessa cama.

**Branca Vianna:** A Valentina conhecia quase todo mundo na festa.

**Valentina Homem:** E... eu acordei é... não sei quanto tempo depois, mas já tava de manhã, acordei com uma pessoa em cima de mim. É... foi um susto muito grande, acordei com um homem em cima de mim. Esse homem era o irmão da minha amiga, irmão da Claudia, o Paulo.

E foi assim... a lembrança que eu tenho é que eu acordei com ele em cima de mim, imediatamente eu empurrei ele com muita força, e ele saiu correndo do quarto. Quando eu levantei, eu vi que eu tava usando um vestido, tava usando um vestido azul de renda, que inclusive eu nunca mais eu consegui usar. E a minha calcinha tava jogada no chão, no meio do quarto. Eu lembro que ele tava... ele tava em cima de mim e ele tava com a mão é... na minha vagina. Os dedos na minha vagina. E foi... foi... é... foi horrível. Eu, enfim, eu... foi muito chocante, obviamente eu ainda tava meio bêbada, assim, eu não tava totalmente sóbria, tinha ido dormir bastante bêbada. Mas, assim, não tive nenhuma dúvida na hora que eu acordei do que tava acontecendo também, assim, acho que só algo que é bem importante de falar inclusive é... desde o primeiro momento, eu não tive nenhuma dúvida do que tava acontecendo.

**Branca Vianna:** A Valentina foi dormir e acordou sem calcinha, com o irmão da amiga com os dedos dentro da vagina dela. Quer dizer: quando a Valentina diz que ela "nunca teve dúvidas do que tava acontecendo", é porque desde o primeiro momento ela sabia que ela tinha sido estuprada pelo Paulo.

**Branca Vianna:** A lei diz que o estupro acontece quando um agressor força a vítima a praticar qualquer ato libidinoso, com uso da violência ou num momento em que a vítima não possa dar consentimento. "Ato libidinoso" é um ato de cunho sexual, mas não precisa ser penetração, nem precisa ter pênis no meio, nem vagina. Então alguém tirar tua calcinha, subir em cima de você e mexer na tua vagina com você dormindo é estupro, segundo a lei. Na verdade, é até estupro de vulnerável. Porque ninguém consegue dar consentimento pra ninguém quando tá dormindo.

**Valentina Homem:** É... eu cheguei na praia, contei pra todo mundo o que tinha acontecido. A reação geral imediata foi uma reação de revolta, de... de "a gente tem que fazer alguma coisa", obviamente que a primeira, a primeira é... a primeira coisa que vem à mente numa situação dessa é a polícia né. É o caminho natural, de certa forma natural, assim, entre aspas, assim né, dentro dessa sociedade. Era de manhã, nesse domingo, e... eu resolvi voltar pra casa...

**Branca Vianna:** A Valentina voltou pra casa da mãe e contou o que tinha acontecido.

**Eduardo Homem:** Bom, eu não me lembro de ter ficado possesso é... querendo matar ou castrar o... o agressor.

**Branca Vianna:** Esse é o Eduardo Homem, pai da Valentina.

**Eduardo Homem:** É mais provável que eu tenha absorvido de alguma maneira calma. Ir à polícia nunca foi uma prioridade até porque ninguém gosta da polícia, todo mundo sabe o que que é a polícia no estado que a gente vive, é...

**Branca Vianna:** O Eduardo fala da polícia por experiência própria. Ele foi preso não uma, mas quatro vezes durante a Ditadura Militar.

**Sonia Corrêa:** E eu não tinha, já naquele momento eu não tinha uma adesão ideológica e política à lei penal como um instrumento... pedagógico, né? Não, eu... eu já tinha naquele momento uma crítica consolidada pessoal, né, intelectual com relação ao problema estrutural do punitivismo.

**Branca Vianna:** E essa é a Sonia Corrêa, mãe da Valentina.

**Sonia Corrêa:** Eu sou de formação arquiteta de origem, mas fundamentalmente desde os anos 70 eu trabalho no campo do feminismo. E no campo do feminismo os meus temas principais têm

sido desde sempre os temas relacionados a saúde, sexualidade, gênero, aborto.

**Valentina Homem:** Assim, meus pais nunca me colocaram de castigo na vida [ri], tipo nunca fui nunca... eu não fui criada nessa lógica de: fiz algo errado e sou punida. E eu acho que logo imediatamente a gente começou essa conversa do que a gente poderia fazer. Do que eu queria fazer na verdade, né? O que eu queria fazer... com aquela situação, com aquela história, e também o que eu queria fazer diante do fato de que eu tava indo embora dali a dois dias. O que deixava tudo muito mais urgente, né? Assim, a necessidade de tomar uma decisão, de pensar.

**Branca Vianna:** Lembrando que a Valentina tava fazendo mestrado nos Estados Unidos. Por isso ela tava com passagem de volta marcada.

**Valentina Homem:** E aí eu tenho uma... amiga é... muito amiga também de muito tempo, que é a Júlia...

**Branca Vianna:** Julia Sandroni, advogada criminalista.

**Valentina Homem:** ...que morava na minha rua, mora na minha ainda mora lá, muito perto da casa da minha mãe, e a gente chamou ela pra conversar, pra... entender a partir dessa situação o que que... Que poderia acontecer, o que eu poderia fazer. E... a Júlia veio... e a gente conversou, eu, ela, meu pai, minha mãe...

**Julia Sandroni:** E aí ela me procurou e falou: "Julia, e aí o que eu faço?" Aí eu falei: "Olha, Val, a princípio o que se faz é um registro de ocorrência para iniciar uma investigação, porque isso é um fato criminal, né, que merece ser apurado". Ela: "Mas aí, o que acontece com ele?" Eu achei demais essa pergunta dela. E aí eu falei: "Val, olha, é um crime difícil de apuração, porque acontece em quatro paredes. Então não é fácil chegar a provas, mas é possível ao final o Ministério Público entender que há elementos suficientes, oferecer uma denúncia porque isso é um crime de ação penal incondicionado. Então o Ministério Público tem que oferecer e ele ser apenado".

**Branca Vianna:** A Valentina ficou confusa com todo esse juridiquês. E a gente também.

**Julia Sandroni:** Aí ela: "Mas apenado o quê? Ele vai para a prisão?" Eu falei: "Vai. Vai ser encarcerado. Eu vou usar a palavra certa".

**Branca Vianna:** A pena prevista pra estupro comum é de até 10 anos. Pra estupro de vulnerável, até 15. Mas como o Paulo era réu primário, provavelmente não ia ficar esse tempo todo.

**Valentina Homem:** O que eu me lembro é que a gente fez primeiro, né, fez uma especulação sobre qual seria o... o processo, o procedimento, e as consequências de eu ir à delegacia fazer uma denúncia, passar por um processo de julgamento e eventualmente, na melhor das hipóteses – melhor aqui entre muitas aspas, né, melhor dentro do que que é o sistema penal – na melhor das hipóteses, o Paulo seria preso.

**Branca Vianna:** Essa "melhor das hipóteses" entre muitas aspas é, na verdade, uma exceção na justiça brasileira.

A maior parte das vítimas de estupro não denuncia, e quando denuncia, a maior parte dos agressores é absolvida, seja por falta de provas, seja porque o juiz entende que o sexo foi consensual.

**Valentina Homem:** E aí eu me deparei com essa realidade, dele ser preso. O que aconteceria, né, o que a gente sabe que acontece com um dito estuprador, uma pessoa que é presa por estupro...

**Branca Vianna:** A Valentina se refere aqui à ideia de que alguém preso por estupro vai ser estuprado na cadeia. Essa é uma ideia do senso comum. Eu não sei se é verdade porque a gente não achou dados confiáveis sobre isso, mas de qualquer modo foi o que ela pensou.

**Valentina Homem:** O que que a gente sabe da realidade carcerária...

**Branca Vianna:** Para além da possibilidade do Paulo ser estuprado, tinha outras questões na cabeça da Valentina.

**Valentina Homem:** Não achava, e não acho que a solução para aquele problema, para aquela situação que a gente tinha vivido, que eu tinha vivido, era encarcerar uma pessoa por X anos. Que isso não ia mudar a origem do problema, assim.

**Branca Vianna:** A gente volta a uma questão que já apareceu aqui algumas vezes: O que a Valentina ia ganhar com o Paulo preso? Como isso ia ajudar a tratar o trauma dela?

Em princípio, a ideia da detenção é tirar de circulação alguém potencialmente perigoso, e reabilitar essa pessoa pra sociedade.

A Valentina não se sentia pessoalmente ameaçada pelo Paulo, nem sabia se ele voltaria a abusar de uma mulher.

O que ela sabia era que, pra isso não voltar a acontecer, ele precisava mudar.

**Valentina Homem:** Eu queria que ele passasse por um processo que permitisse a ele compreender a gravidade do que ele tinha feito, pra que ele não voltasse a fazer isso depois. Isso era o que me interessava, né, o que é que pode ser aprendido a partir disso que a gente viveu aqui? Né. Nós dois vivemos algo, que foi provocado por ele, mas é uma algo que afeta nós dois, o que eu posso nessa situação, nessa circunstância, com esse micro poder que eu tenho nas minhas mãos agora, que é denunciá-lo ou não denunciá-lo – o que que é que eu gostaria de engendrar a partir disso?

**Branca Vianna:** O Paulo precisava passar por um processo de reabilitação. Mas será que a prisão era o lugar certo pra isso? A Valentina tava tentando considerar todos os pontos. E teve um que pesou bastante.

**Valentina Homem:** Desde que a Júlia... desde que ficou claro pra mim que... que uma vez que ele é denunciado não tem mais volta atrás, é uma denúncia que não pode ser desfeita, né. É... eu não poderia ir à polícia fazer a denúncia e depois mudar de ideia, assim.

**Julia Sandroni:** Isso é importante entender. A vítima, ela não tem obrigação legal de fazer o registro do crime que foi praticado contra ela. Mas se ela faz o registro, depois, há uma obrigação legal do Estado de investigar. E, se houver elementos suficientes, provas da materialidade do crime e indícios de autoria, o Ministério Público tem a obrigação, nesse caso específico, de denunciar.

**Branca Vianna:** Quer dizer que não existe retirar a queixa, né?

**Julia Sandroni:** Não para ações penais públicas incondicionadas.

**Branca Vianna:** E o que que é incondicionada, então?

**Julia Sandroni:** A incondicionada é que independe de representação do ofendido. Ou seja: chegou ao conhecimento das autoridades, pouco importa se a vítima quer aquela persecução penal. O Estado tem o dever legal de inquirir aqueles fatos e, se tiver elementos suficientes, processar aquela pessoa. E se tiver elementos suficientes, condenar aquela pessoa, e aquela pessoa ser presa, se for o caso.

**Branca Vianna:** Ou seja, se a Valentina resolvesse denunciar o Paulo, era um caminho sem volta. O que tem uma motivação evidentemente boa – porque imagina quantas pessoas não seriam pressionadas a retirarem uma queixa de estupro, né?

Mas pra Valentina, isso soou diferente. Uma vez que a denúncia fosse feita, não teria mais nada que ela pudesse fazer pra controlar as consequências.

**Julia Sandroni:** Eu acho que a Valentina é uma mulher muito esclarecida. Porque ela falou assim: "Olha, se ele for preso, para mim isso não vai significar nada. Eu não quero isso. Eu quero saber se ele tem consciência do ato que ele praticou, do mal que ele me fez." Ela me veio, e eu falei assim: "Val, você tá me trazendo que você quer uma composição, você não quer uma vingança, e eu te admiro muito por isso. Eu gostaria que a sociedade fosse feita de Valentinas, e eu não precisasse tanto ir para o judiciário para defender pessoas que, ao final, vão para uma cadeia e são nada

ressocializadas. Então seria lindo se o mundo pensasse todo assim. Então vamos por esse caminho, claro, e há a possibilidade. Então, vamos acreditar nisso e vamos tentar."

**Branca Vianna:** A Julia sugeriu uma mediação entre as famílias. Agora, elas tinham que ver se o lado de lá ia topiar. Se o agressor e a família dele estariam dispostos a sentar à mesa com a Valentina e a família dela e tentar chegar a um lugar que pudesse trazer algum conforto e reparação pra vítima.

Mas pra isso acontecer, antes, o Paulo tinha que entender que o que ele fez foi errado. O Paulo precisava entender que ele tinha estuprado uma mulher, e o que que isso queria dizer.

Parece até meio bobo isso, né? Como que ele podia não ter entendido?

**Catarina Corrêa:** Eu vou contar rapidinho uma história...

**Branca Vianna:** Talvez você reconheça essa voz, do último episódio do Praia dos Ossos. É a juíza Catarina Corrêa. Ela ainda vai aparecer por aqui, mas hoje a gente vai ouvir uma história pessoal dela.

**Catarina Corrêa:** Então a minha filha, quando ela tinha uns cinco anos, ela estudava numa escola que era muito pequena. A escola inteira tinha 40 alunos e a sala dela tinha cinco alunos. E aí um dia eu vou pegá-la e a professora chega para mim e fala: "Catarina, eu tive que colocar a Marina no cantinho." Aí eu falei: "ah é, e por que?" Ela: "não, porque a Marina, ela está acabando o dever, e ela fica conversando com as meninas e aí as meninas não fazem a atividade, porque a Marina atrapalha. E então coloquei ela no cantinho". E aí eu voltei com a Marina no carro e perguntei: "Por que você foi para o cantinho, Marina? Aí ela: "Ah, mãe, porque eu sou muito inteligente". Aí eu: "Ah, é? Porque você é muito inteligente?" Aí ela: "é. Porque eu acabo tudo antes de todo mundo, foi por isso que eu fui para o cantinho". Ou seja, ela não entendeu a punição...

**Branca Vianna:** Não entendeu nada!

**Catarina Corrêa:** ...ela não entendeu a culpa, o que tinha feito de errado.

**Branca Vianna:** A gente resolveu trazer essa história aqui porque é até fofa a confusão que a filha da Catarina fez com essa punição. Mas esse não é um caso tão raro no mundo dos adultos.

A gente conversou sobre isso com a Eliza Capai. A Eliza é documentarista, formada em Jornalismo.

**Eliza Capai:** Eu cresci no Espírito Santo, eu cresci em Vitória, e eu cresci com uma sensação muito estranha que eu não sabia explicar até eu sair de Vitória, né? Eu fui fazer faculdade em São Paulo, fui fazer jornalismo na ECA, e, chegando lá, eu consegui entender, olhando pra trás, o que o Espírito Santo era absolutamente agressivo contra o ser mulher. A violência de gênero no Espírito Santo é altíssima, tá sempre nos rankings de feminicídio, de estupro, de violência doméstica, e essa violência vai para além, assim. Eu lembro de uma sensação que eu cresci na adolescência de que era "quando eu seria estuprada". Não era "se eu seria" ou não pensar no assunto. Mas era quando aquilo aconteceria.

**Branca Vianna:** Quando a Eliza se mudou pra São Paulo, aos 19 anos, ela foi entendendo melhor aquilo que ela sentia na adolescência. Em São Paulo, a Eliza se sentia mais à vontade pra tomar a iniciativa de flertar com um cara numa festa, por exemplo. E isso foi libertador pra ela. E ela comentou sobre isso com um amigo, o Bruno Miranda, que também era de Vitória e tinha se mudado pra São Paulo.

**Eliza Capai:** E aí ele começou a contar como que para ele foi o oposto. Que quando ele chega em São Paulo, ele se começou a se sentir um tosco, porque ele contava as coisas que ele fazia em Vitória e as pessoas olhavam pra ele, tipo, "sério?", porque, sei lá, puxar um braço, puxar um cabelo de mulher era normal, era o que se fazia, era assim.

**Branca Vianna:** Dessa conversa, surgiu uma ideia. A Eliza e o Bruno – que também trabalha com cinema – desenharam um projeto de oficina de vídeo pra detentos, no Espírito Santo, detentos que tão esperando julgamento pela Lei Maria da Penha e pela Lei do Feminicídio.

**Eliza Capai:** E claro que tudo isso é uma desculpa para a gente falar do tema que nos interessava, que era por que essa violência ocorre? Por que é que o cara acabou, estava ali dentro daquela prisão, dentro daquele Centro de Detenção, por ter agredido a mulher que era a parceira, a pessoa que provavelmente ele mais amasse no mundo, né? Então, por que é que aquilo acontecia? A gente queria entender

isso, por um lado, e queria conseguir criar relações ali dentro para que eles também entendessem isso, porque isso não era discutido naquele lugar.

**Branca Vianna:** A Eliza visitou algumas penitenciárias, e acabou escolhendo o Centro de Detenção Provisória da Serra – que fica nesse município, Serra, no Espírito Santo.

**Eliza Capai:** No Centro de Detenção, é que, principalmente, os detentos ali acusados de Maria da Penha, eles não sabiam o que eles estavam fazendo ali dentro. E a forma como aquele regime era feito, a gente estava num Centro de Detenção modelo, mas mesmo o Centro de Detenção modelo, ele não tinha nenhuma estrutura para acompanhamento psicológico para que aquelas pessoas entendessem o que estava acontecendo, ou mesmo para que entendessem o que era a lei, que elas tivessem tempo de reflexão, que elas tivessem tempo de se olharem.

**Branca Vianna:** Mesmo sendo um centro de detenção “modelo”, as condições não eram exatamente propícias à reflexão.

**Eliza Capai:** Era violência atrás de violência, né? As celas eram, obviamente, superlotadas, as pessoas comiam no chão, tinham pouco tempo para sair, há vários relatos de abuso de policiais ali dentro. Então, aqueles caras, eles só conseguiam aumentar a raiva que eles sentiam daquelas mulheres que colocaram eles dentro daquele inferno. E eu lembro que quando a gente falava "Maria da Penha" era tipo "ah, quero agora a Lei João da Penha", e ficavam falando sempre umas ironias, e com uma raiva muito grande da Lei Maria da Penha.

**Branca Vianna:** Ali dentro, a Eliza foi tendo cada vez mais certeza de que a chance era mínima de aqueles homens saírem do sistema com alguma compreensão sobre o crime que eles tinham cometido.

**Eliza Capai:** Mas você não... aquela forma de organização, eu não tenho a menor dúvida que ela não ajudava em nada que aqueles homens se tornassem pessoas menos violentas, que aqueles homens começassem a entender o que é igualdade de gênero, o que é liberdade também para as suas parceiras, o que é respeito dentro de uma casa, não só com a mulher como também com os filhos. Nada que acontecia ali dentro daquele Centro de Detenção estava colaborando com uma sociedade mais pacífica. Muito pelo contrário. E isso era muito aterrorizante para a gente. Porque a gente sabia que a gente estava dando uma oficina com um tempo curto de duração e que, obviamente, ela poderia até ser um click inicial de transformação, mas ela sozinha não conseguiria obviamente transformar aquela

situação. E muitos deles falavam "nossa, como a gente queria ter acesso a psicólogos, como eu queria que alguém me ajude a entender o que acontece na minha cabeça".

**Branca Vianna:** Lembrando que o projeto da Eliza e do Bruno não era de psicologia, nem de pesquisa. Eram oficinas de narrativa audiovisual: técnicas de roteiro, fotografia, captação de áudio e edição.

**Eliza Capai:** O próprio Centro de Detenção escolheu quem ia participar. A gente não teve muito controle sobre, mas o que a gente tinha pedido era que fossem pessoas da Maria da Penha e do Feminicídio. E claro que para eles era um momento, sei lá, a colônia de férias deles. Um, porque eles podiam sair das celas, eles eram tratados como gente... no começo era muito forte porque eles não olhavam no olho, tinha todas, todos os códigos de prisão. Eles foram levados para dentro da oficina a princípio, e aos poucos essas relações foram se transformando.

Então era um momento muito, acho, relaxante para eles. Tinha gente que engajava mais, que realmente teve muito interesse pelo audiovisual, ou pela escrita, porque a gente também tinha um momento de cadernos e que eles podiam escrever a história deles ou exercícios específicos, e, sei lá, teve um deles que, o Johnny, que escreveu vários cadernos com a história dele que ele ia ficcionalizando mas que ele ia contando também da trajetória dele, principalmente da trajetória com mulheres. Eu lembro que tinha um senhor que era um super contador de história e ele falava, meio que rindo, ele falava "estou aqui só porque eu esfreguei um bife na cara da mulher. Só esfreguei um bife na cara da mulher!" E aí ele começa a contar a narrativa do quê tinha levado ele ali para dentro. E ele não entendia por que ele estava preso. É interessante eu contar a história?

**Branca Vianna:** Muito.

**Eliza Capai:** O cara do bife, ele era uma figuraça. Ele era o mais velho da turma, e ele falava umas piadas muito ruins, que só ele ria, e ele ria muito, e a gente acabava, tipo... até que a gente acabava rindo dele. Rindo, porque era, tipo, muito recorrente o mecanismo.

E aí ele começou, um tanto com ironia, falando que ele estava lá dentro só porque ele esfregou um bife na cara da mulher. Um dia ele foi para trabalhar, ele trabalhava em obra, e chegou lá, e porque estava chovendo, a diária foi cancelada. Então ele volta para casa e, como era de praxe, vai tomar uma caninha. Mas só depois das 10 da manhã, porque antes, não. Ele tinha essa regra e ele era muito rígido,

caninha só depois das 10. E aí que ele está lá tomando a caninha dele na boa e a mulher está enchendo o saco, porque está acabando o dinheiro, porque vai acabar a carne, porque vai acabar a carne, você tem que colocar mais dinheiro dentro de casa, e a mulher enche o saco, a mulher enche o saco, a mulher enche o saco... E até um momento que ele chega, ela serve para ele o almoço, que era arroz com feijão e um bife. E aquela mulher enchendo o saco dele, então ele só pega "não tem carne, não?" Pega o bife e esfrega na cara dela.

E nisso já tinha voado arroz e feijão pela sala inteira e só por causa disso que ele estava preso. E aí o "só por causa disso" a gente queria entender por que "só por causa disso". E a gente entendeu que aquela não tinha sido a pior discussão deles, a pior briga deles, nem a pior violência física que ele tinha cometido. Ele já tinha cometido coisas muito mais graves. Mas só por conta do bife ele estava lá dentro, por causa dessa maldita dessa Maria da Penha.

**Branca Vianna:** Preso por causa de um bife. Isso que ele achava.

**Eliza Capai:** E para mim, enquanto eu estava dentro ali, me deu muitos nós na cabeça, porque tinham vários daqueles caras que eram muito maneiros, que eram caras que eu tomaria uma cerveja se eles estivessem do lado de fora, entendeu? Que eu ia falar para vocês falarem com eles porque eles são massa. E que eu não sentia medo deles, era um cara massa. E que não é tipo, então, um monstro que fez isso, porque ele é mau, é muito mais embaixo o negócio. São pessoas. Então eles estão se comunicando da forma que eles sabem. E como que você muda o vocabulário? É muito complexo fazer isso. E exige muita vontade, inclusive muita vontade política.

**Branca Vianna:** E o que que a gente faz com isso?

**Eliza Capai:** E é óbvio que o sistema carcerário que a gente tem hoje, ele é o oposto dessa vontade política. Ele é um sistema que ele quer pegar aqueles corpos e se vingar naqueles corpos. Eu não tenho dúvida que boa parte dos carcereiros, boa parte... uma parte significativa das pessoas que trabalham ali – é óbvio que tem gente muito maneira, que tem uma revolta com esse sistema, que quer transformá-lo por dentro, é óbvio que tem isso, mas muitas das pessoas também têm como vocabulário a violência. E que é assim a sua forma de comunicação. E, claro, que tem umas que são absolutamente sádicas, mas que aquilo ali vira um outro lugar que reafirma "Olha, violência tem que fazer parte do vocabulário. Então nós, o Estado, vocês fizeram errado e a gente vai dar porrada em vocês, beleza? A gente vai fazer todas as formas de violência: a

gente vai privar vocês de sono, a gente vai dar comida ruim, a gente às vezes vai dar comida podre, vocês vão ter que fazer cocô na frente dos amigos, você não vai poder tomar um banho..." tudo, todas as formas de violência, e violência psicológica, então, nem se fala, violência legal, porque vários ali estão aguardando julgamento que já extrapolou um tanto o tempo que eles deveriam ter sido julgados. Tudo ali diz para eles: "olha, violência é assim mesmo, tá? Fez algo errado, porrada. Fez algo errado, seja violento". Então, como é que você quer depois que esse cara saia e, frente a algo que ele julga ser errado, ele seja compreensivo? Que ele seja alguém que vai criar empatia por aquele erro da outra pessoa. E dialogar e tentar achar uma solução sensata? Impossível.

**Branca Vianna:** Quando a Valentina tava dividida se denunciava ou não o Paulo pelo estupro, era nisso que ela tava pensando.

Depois de conversar com os pais e com a amiga advogada, a Júlia, a Valentina decidiu não denunciar o Paulo. Ela entendia que não ia encontrar a reparação que ela tava buscando dentro de um processo penal. Mas se ela não fosse fazer uma denúncia, então... ela ia fazer o quê? O que que você faria se não tivesse o roteiro pronto da polícia, tribunal, prisão?

E isso era uma coisa totalmente nova pra Júlia também.

**Branca Vianna:** Você já tinha participado de algum processo assim?

**Julia Sandroni:** Não, não.

**Branca Vianna:** E como foi então? O que você fez primeiro? Você falou: "Bom, então tá. Então vamos tentar um processo alternativo". Qual o primeiro passo?

**Julia Sandroni:** Olha, Branca, para ser sincera, como eu nunca tinha feito... e é, sim, uma situação muito nova, a gente foi um pouco intuitivo até de qual seria a melhor forma de lidar com essa mediação. O que tinha-se como norte era essa composição de buscar que aquele que ofendeu a Valentina tivesse consciência, e ela tivesse a sensação de uma reparação. Então a ideia era restaurar. E uma coisa que é bem importante também: a ideia é que fosse voluntário. Não há uma imposição. Você não pode impor uma pessoa a compor com outra, ambas as partes devem querer aquela solução. Então a gente começou alguns contatos sempre tendo isso como um norte. Queremos composição, consciência de um, reparação do dano que não seria o pagamento para a vítima, mas que ela sentisse que estava reparada, e uma voluntariedade de ambas as partes. Esse foi o norte...

**Branca Vianna:** E como foi essa questão da Voluntariedade, quando vocês entraram em contato com a pessoa– eu não sei com quem vocês entraram em contato primeiro? Qual foi a reação deles?

**Julia Sandroni:** Eu confesso que eu não lembro, sabia? Tem um tempo e, obviamente, assim, não quiseram documentar muita coisa. Eu, se fosse advogada da parte contrária, também orientaria a não documentar. Porque, afinal de contas, veja, se a gente estivesse de má fé, fizesse o acordo, depois ainda fizesse o registro de ocorrência e juntasse tudo o que foi conversado? O Estado teria obrigação legal de investigar e processar, e ainda ia ter elementos, você vê?

**Branca Vianna:** Nossa, menina.

**Julia Sandroni:** Questionável uso desses elementos, você estaria violando o sigilo profissional de advogado, da relação cliente-advogado, tem mil questões de ilegalidade dessa prova... Mas, enfim, não é algo que dá uma segurança. Então não teve, a gente não tem muito documento disso. Então eu até tentei buscar para rememorar, mas a parte contrária fez muito bem de não documentar. Eu teria feito o mesmo.

**Branca Vianna:** Então não existe nenhum registro formal desses encontros, nenhuma ata, nada parecido. Os únicos relatos por escrito são da própria Valentina. Relatos de segunda mão, porque ela mesma não participou das reuniões. Naquela altura, ela já tinha voltado pros Estados Unidos, pra retomar o mestrado. Quem participava era a Sonia, mãe da Valentina, o Paulo e o pai dele. E a Júlia, claro.

**Valentina Homem:** Júlia tomou isso à frente, a primeira reunião pelas coisas que eu reli, a Júlia relata assim que ele parecia uma criança, que ele não conseguia parar de chorar assim, assim, acho que a comisseração interna dele... era tão grande que ele... enfim. Meio que num... não tinha, talvez não tivesse o aparato subjetivo, psíquico pra lidar com essa situação, nunca imaginou que também ia ser colocado nessa situação, também tem uma impunidade aí que os homens, em geral, brancos e ricos, vivem de impunidade, que nunca acham, né, que o que o tapete vai ser tirado debaixo do pé deles, e acho que acabou sendo um pouco isso.

**Branca Vianna:** Eu perguntei pra Julia o que ela lembrava desse primeiro encontro.

**Julia Sandroni:** É, não pareceu que ele estava muito arrependido. Acho que ele estava mais assustado acima de tudo. Acho que se ele não tivesse arrependido, ele não teria aceitado isso, porque como eu disse, é difícil provar, sabe? Se ele quisesse peitar: "Eu não fiz nada disso e tal", "Então deixa investigar" – não sei, teria ido por um outro

caminho. E nesse caminho ele não foi de jeito nenhum. Mas não estava ali cabeça baixa e super arrependido. Mas eu acho que é um processo, né, é difícil assumir um erro também. E aí como teve essa mediação familiar, na frente do seu pai, né, eu acho muito difícil.

**Branca Vianna:** A Sonia, mãe da Valentina, teve uma impressão parecida.

**Sonia Corrêa:** Ele tava muito desconfortável, né? Estávamos todos muito desconfortáveis, né? Não é uma... não é uma situação fácil, mas tampouco a situação de uma audiência judicial é uma situação fácil, tá certo? O desconforto no sistema judicial formal, é... apagado, né, eliminado, né, pela formalidade. Mas ele tá sempre presente também, né? Então é um desconforto porque é uma situação fora dos padrões habituais, né, e é desconfortável porque exigia da nossa parte, eu to dizendo, de mim e da Júlia... claro, a Júlia, sendo advogada, ela é treinada pra isso, tem expertise pra isso. Quer dizer, exige uma conduta pessoal de muita contenção, contenção no sentido de razoabilidade, né? Não é um momento em que você possa extravasar emoções, né, ou de raiva ou desapontamento, qualquer coisa assim, não pode. Tem que ser uma coisa, sem perder o vínculo com a dimensão afetiva, você tem que saber conduzir a coisa.

**Branca Vianna:** E pensando na dimensão afetiva, o que você tava sentindo que você teve que conter na hora?

**Sonia Corrêa:** A tendência de todo mundo, é normal – é dizer "Como é que você pode ter sido tão brutal", né? Enfim, uma relação – não eram amigos íntimos, mas tinha uma relação de amizade. Como... que é que acontece, né, esse sentimento de repulsa, né? Mas é uma situação delicada porque você vê o desconforto do outro, claro que há sempre uma tentativa na negociação de dizer: "Não foi bem assim", é... "Não era minha intenção"... tem sempre uma dinâmica ali psicológica, né, complexa, que você tem que ter muita calma.

**Branca Vianna:** Ele falou isso? O que ele falou pra vocês?

**Sonia Corrêa:** Ah ele tentou, ele tentou dizer "não foi bem assim", "não era a minha intenção", entendeu? Foi uma coisa... ele inclusive pediu desculpas, tá certo? Foi uma coisa de... "Eu... eu lamento". Ele disse "Eu lamento", mas era uma coisa que você percebia que não era... não estava... fluindo, vamo dizer, naturalmente. Uma coisa custosa, né, uma coisa pra ele penosa, né, de reconhecer que tinha sido um fato grave, né? Que não tinha sido uma coisa banal, e que portanto... parecia que ele estava ali naquele momento processando e aprendendo, tá certo?

**Branca Vianna:** Como tava o pai dele nesse encontro?

**Sonia Corrêa:** Menos desconfortável, eu acho. Eu acho que o pai tinha processado melhor e...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Mas parecia que ele entendia?

**Sonia Corrêa:** Parecia, e eu acho que foi isso mesmo, que ele, o pai foi uma peça importante da decisão positiva, né, dele, de aceitar a negociação.

**Branca Vianna:** Como a gente ouviu a Julia explicar, a Valentina e o Paulo não tiveram nenhum contato durante a mediação. Nem ao vivo, nem por email, nem por telefone.

Mas antes disso...

**Valentina Homem:** Ele chegou a me mandar uma mensagem no Facebook na época pedindo desculpas, dizendo que não tinha feito nada demais, e... ele sumiu, né? Logo, dois dias depois ele desapareceu. A família dele não sabia onde ele tava...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Só uma dúvida, essa mensagem de Facebook foi o primeiro contato que vocês tiveram depois do evento?

**Valentina Homem:** Primeiro e único.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Primeiro e único?

**Valentina Homem:** Primeiro e único.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Aí você falou que ele pediu desculpas e disse que não foi nada demais, como é que é isso?

**Valentina Homem:** Ele disse... o que ele disse na mensagem do Facebook... não vou saber dizer com as palavras exatas, mas ele falava assim: "Tô com muita vergonha de ter feito o que eu fiz, mas eu não fiz nada demais, eu, você tava deitada, eu comecei a te dar uns beijinhos e você sorriu, e eu achei que você tivesse gostando". Foi meio isso, assim.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E você respondeu?

**Valentina Homem:** Não, não respondi de jeito nenhum.

**Branca Vianna:** Logo depois de mandar essa mensagem no Facebook da Valentina, o Paulo sumiu por uns dias. A família dele se assustou, o pai passou mal. A Valentina diz que não acha que ele fugiu, não, que ele só estava com medo de encarar a família e a mulher dele.

Porque naquela altura o Paulo era casado. A mulher dele, aliás, tava nessa mesma festa em que aconteceu o estupro. Mais tarde eles acabaram se separando.

Bom, mas depois de alguns dias sumido, o Paulo reapareceu. E, quando a Júlia procurou ele e a família dele pra propor a mediação, eles aceitaram.

O processo que a Valentina e a Júlia desenharam juntas tinha três partes:

**Valentina Homem:** Eram três coisas. Uma era ele fazer um pedido de desculpas formal, outro era ele frequentar essas reuniões durante X semanas, meses, e a terceira era fazer uma doação no valor de R\$20.000 pra essa organização, que justamente tinha - uma das poucas que trabalha a questão da violência com os homens, né, que eu acho que é sobre isso no final das contas, assim.

**Branca Vianna:** Parece bem razoável, né?

**Valentina Homem:** ...a gente apresentou essa primeira minuta. E a primeira recusa deles foi com relação a fazer uma desculpa formal. Porque aquilo poderia, eu até entendo, aquilo poderia ser uma confissão e... e... enfim, e eventualmente eu querer usar isso contra ele, né, assim, que eu acho que obviamente isso não aconteceria, mas ele também tava numa situação de vulnerabilidade se ele aceitasse fazer uma desculpa formal. É, que isso fique claro: até hoje, assim, eu não não tenho a menor vontade, nunca tive vontade de expor ele publicamente, até hoje eu não tenho vontade de expor ele. Eu não quero que é eu tô falando não interessa que ninguém saiba quem ele é, que ele seja identificado por isso, assim, eu acho que... não se trata disso assim, nunca se tratou, e hoje menos ainda né?

**Branca Vianna:** Bom, o Paulo não topou o primeiro item da proposta, que era fazer uma desculpa formal. E ele não topou para se proteger. E a Valentina entendeu. E aí tinha o curso. O Paulo tinha topado frequentar esse curso de conscientização, que era justamente pra homens que tinham cometido violência de gênero. E ele chegou a ir. Mas depois de um tempo, ele parou. Aqui a Julia.

**Julia Sandroni:** É, um curso que ele não fez inteiro.

**Branca Vianna:** Isso vocês souberam. Um curso para homens que cometem violência contra mulheres, é isso?

**Julia Sandroni:** Era de conscientização sobre violência de gênero.

**Valentina Homem:** É... e aí o que aconteceu foi isso: ele se recusou a frequentar as reuniões. E aí, diante da recusa de frequentar as reuniões, o que a gente fez foi subir... que, assim, né, pra mim foi a pior das opções, mas foi subir o valor da... da... indenização, que

seria essa doação pra organização que fazia os grupos.

**Julia Sandroni:** A Valentina também sempre deixou muito claro que não queria nada para si, até para não ser mal interpretada de que queria levar alguma vantagem em razão dela ter sofrido essa violência sexual, se aproveitar dessa situação, que essa interpretação sempre é possível, ainda mais vindo de uma pessoa que praticou um ato desse.

**Paula Scarpin:** Acho que aqui é interessante a gente fazer uma pausa, porque esse assunto – a indenização, a compensação por um crime com dinheiro – é um tema que a gente vem pesquisando, né?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Cara, fiquei pensando nisso, porque a gente acha que receber dinheiro por um dano é meio baixaria, assim, a pior das opções, como disse a Valentina. Mas quando a gente vai pesquisar a história da justiça, aparecem vários sistemas que funcionavam só através de compensação monetária, enfim. Tinha todo um código, por exemplo, na Alemanha medieval, que era baseada no que eles chamavam de - peráí, como é que fala a palavra?

**Paula Scarpin:** Wergild.

**Branca Vianna:** Que que é isso?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Olha, independente de como se fala, é meio que um avanço, em termos, sobre a Lei de Talião. Porque - fala, Paulinha.

**Paula Scarpin:** Wergild.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Wergild é o preço do homem, literalmente, o ouro que o homem vale. Wer é o homem e gild é o ouro. E, enfim, isso influenciou um monte de sistemas de lei, e na Inglaterra chegou a ter umas leis, tipo uma tabela desses preços. Alguém te deu um soco e você perdeu um dente da frente? Custa tanto. Um dente de trás? Custa menos. Um olho? Metade do preço de uma vida. Mas, enfim, não é um sistema lá muito atraente por vários motivos, mas, enfim, o principal talvez porque ele literalmente põe preços diferentes em vidas diferentes: tipo assim, um nobre vale bem mais do que um pobre, e um homem vale mais do que uma mulher, enfim, é meio que explicitando o que a gente vê hoje em dia [risos] mas é interessante pensar como isso podia apaziguar uma situação sem recorrer a violência. Ou prisão, no caso.

**Branca Vianna:** Por causa de retaliação, quer dizer. Você quebra

meu dente da frente, eu vou quebrar o seu.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Sim, vou quebrar o seu, vou quebrar sua casa.

**Branca Vianna:** Vou tacar fogo na tua família.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E aí, não.

**Branca Vianna:** Existe um preço pelo seu dente da frente.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E isso tem tabela. Então a gente não precisa nem negociar. Você vai lá, “quanto que custa esse dente?” Pronto, pagou, resolveu.

**Branca Vianna:** E a verdade é que nos Estados Unidos e no Reino Unido, eu li isso outro dia, eles até hoje pagam compensação por civis que morrem em guerras tipo Iraque, Afeganistão. Não é muito dinheiro, e principalmente não é uma admissão legal de culpa. E nem é fácil de conseguir, mas o governo americano faz isso desde a Guerra da Coréia. Eles chamam isso de "pagamento de condolência".

**Paula Scarpin:** Bom, no caso da Valentina, esse nunca foi o objetivo dela, né. Só que, como o Paulo não se comprometeu com as duas primeiras medidas, a compensação financeira acabou sendo a única opção que ela tinha.

**Branca Vianna:** Você acha que o processo da Valentina foi bem sucedido?

**Julia Sandroni:** Eu acho que sim, sabia?

**Branca Vianna:** Aqui, de novo, a Julia.

**Julia Sandroni:** Eu acho que sim. Não tivemos mais notícias. Por acaso, como conhece a família, não tivemos mais notícia de nada que esse rapaz tenha feito de errado. Nos parece que ele realmente fez uma reflexão e a Valentina saiu mais satisfeita sem precisar ter colocado uma outra pessoa com a possibilidade de vir a entrar no sistema carcerário comum no Brasil. Então, sem dúvida alguma, acho que sim.

**Branca Vianna:** E a Sonia também achou.

**Sonia Corrêa:** Eu acho que... no nosso caso foi um experimento muito bem sucedido, né? Acho que pra todo mundo.

**Branca Vianna:** Por que você considera bem sucedido?

**Sonia Corrêa:** Porque não alimentamos a lógica do punitivismo, né? Eu mesma avalio que foi um evento... é, foi uma opção correta, e um evento bem sucedido. No sentido de que... é... ele se dispôs a conversar, né? Podia não acontecer, né? A gente podia viver uma situação em que fizesse essa proposição, e a outra parte dizer "não", né?

**Branca Vianna:** Mas como foi essa experiência pra Valentina? A vítima mesmo do estupro?

**Valentina Homem:** Enfim, foram vários momentos. Eu tô falando isso porque, se num primeiro momento eu... eu tive muita clareza de que eu não queria puni-lo, eu não queria me vingar dele... ao mesmo tempo, como que eu esperava, né, na minha expectativa era que ele de fato se responsabilizasse, passasse por um processo, e, enfim, né, se tornasse uma pessoa melhor [ri] a partir daquilo, né? Ter... usar essa... essa... o abuso, a violência, como uma possibilidade de se transformar. Na medida em que eu fui vendo que ele não, que ele tava se recusando a isso, que ele não queria, ou que ele negava, ou que... aquilo certamente gerou raiva, gerou ansiedade... O que me frustrou ao longo do processo era o fato dele não assumir a responsabilidade pelo que ele tinha feito, o que eu acho que é o que acontece, né, com a grande maioria dos homens que são abusadores, e com a grande maioria dos homens, ponto, que é uma dificuldade de se responsabilizar pelos seus atos, assim. Acho que a gente... é da masculinidade, não é dos homens, é da masculinidade uma dificuldade de falar: "Eu errei, eu fiz uma merda, e eu preciso arcar com as consequências disso que eu fiz".

E não foi um processo que eu acho que se resolveu da melhor maneira possível pensando, né, nesse caminho. Não, não é que eu me arrependa de não tê-lo denunciado, de ele não ter sido preso... de jeito nenhum. Eu acho que, assim, dentro do... do... do mundo que a gente vive, o que aconteceu acabou sendo de fato o melhor dentro do possível. Mas não foi satisfatório. É... e que assim talvez num mundo ideal ele taria aqui dando uma entrevista também falando "É, de fato isso aconteceu, eu fiz isso, e eu..." acho que isso seria um mundo ideal, a gente ter passado por um processo onde nós dois pudéssemos estar falando sobre isso agora.

**Branca Vianna:** A Valentina nunca contou pra gente quem era o Paulo, e nos pediu para a gente não tentar descobrir.

O que ela tentou fazer foi construir um "mundo ideal" de justiça dentro de um mundo

nada ideal, em que os homens se sentem no direito de abusar de mulheres, acordadas ou dormindo. E ela saiu frustrada com essa tentativa.

Mas esse processo alternativo que a Valentina decidiu seguir trouxe várias questões novas pra nossa investigação. Ouvindo a Valentina falar da experiência dela, alguns pontos chamaram a nossa atenção.

E se o Paulo tivesse cumprido tudo o que a Valentina propôs? A avaliação dela sobre o processo com certeza teria sido diferente? E se existisse um jeito de garantir que, depois das conversas da mediação, os envolvidos iam mesmo cumprir os acordos?

Como a própria Julia disse, ela não tinha experiência nesse tipo de mediação. Ela teve que ir tateando maneiras de lidar com o problema.

Seria possível ter regras mais claras pra esse processo? E se existisse um profissional treinado pra essa função? E se existisse um processo de justiça alternativa com tudo isso? Será que ia funcionar?

Bom, vou te contar uma coisa: isso já existe. E é diferente do que aconteceu no caso da Valentina.

No próximo episódio de *Crime e Castigo*, a gente vai descobrir o que é e se funciona.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Você estava com medo?

**Maike Kumaruara:** Sim. Sim! A gente estava com medo de como a gente ia ser recebido, né? Aí eu me lembro que o Nirson ia bem devagarzinho e dizia numa voz fina: "Seu Júlio! Seu Júlio! Seu Júlio!" e eu ia atrás. Eu falei, "Vai na frente, qualquer coisa eu corro aqui..." Aí ele apareceu. Um senhor...

**Branca Vianna:** *Crime e Castigo* é uma série original da Rádio Novelo realizada com recursos do Instituto Betty e Jacob Lafer e da Oak Foundation.

Pra ver conteúdo adicional, nosso site é [radionovelo.com.br/crimeecastigo](http://radionovelo.com.br/crimeecastigo).

A idealização, a pesquisa, e a apresentação são minhas, da Flora Thomson-DeVeaux e da Paula Scarpin.

O roteiro é da Ludmila Naves e do Lucas Calmon.

O André Emídio colaborou com a pesquisa.

A Juliana Jaeger é a gerente de estratégia, e a Marcelle Darrieux é a nossa gerente de produção. Guilherme Alpendre é nosso diretor executivo.

A produção é da Mari Faria.

A checagem, da Marcella Ramos.

A edição é do Lucca Mendes.

A sonorização é da Júlia Matos e da Paula Scarpin, e a mixagem é da Pipoca Sound.

A música original é do Pedro Leal David.

A FêCris Vasconcellos cuidou da coordenação de estratégia, e as redes sociais e relacionamento são da Bia Ribeiro e do Eduardo Wolff.

A identidade visual é da Elisa Pessoa, e o design gráfico é do Mateus Coutinho.

O web design e desenvolvimento do nosso site são da Paula Carvalho e da Amanda Gedra.

A gente gravou no Estúdio Rastro no Rio, no Estúdio Carranca em Recife e no Estúdio Madruga em Brasília.

Nossos transcritores pra esse episódio foram Júlio Delmanto, Nathalia Athayde, Pedro Gutman, e Rodolfo Vianna.

Todos os episódios de *Crime e Castigo* já estão no ar.